

Sentidos e significados do corpo: uma breve contribuição ao tema

Senses and meanings of the body: a brief contribution to the theme

Nara Sudo ¹
Madel Therezinha Luz ²

¹ Nutricionista, Professora do Curso de Nutrição do Centro Universitário Metodista IPA.

² Socióloga e Filósofa. Professora Titular aposentada do Instituto de Medicina Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Correspondência / Correspondence
Nara Sudo
Av. Getúlio Vargas, 1196/605 – Menino Deus
90150-004 – Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: narasudo@hotmail.com

Resumo

O corpo é considerado objeto privilegiado das ciências biológicas e das ciências humanas; nele estão expressas as conexões entre as ordens biológicas, sociais e culturais das sociedades ocidentais ao longo do tempo. Assim, o presente estudo teve por intento propor uma breve reflexão acerca desse objeto de análise, dos sentidos e significados a ele atribuídos da Idade Média até o século XX, através de revisão bibliográfica. Delimitamos como eixos norteadores para o estudo algumas questões para investigação, como identificar em que momento corpo e alma se separam, dando lugar a uma noção de corpo centrada na função de promoção social que pode trazer um retorno ao indivíduo que o tem; como surge a noção do corpo enquanto um “corpo-consumidor”, “corpo-aparência” para atender às normas vigentes da atualidade, pautadas pelo saber da biomedicina, principalmente pelo paradigma clássico/moderno, biomecânico. Sentidos e significados acerca de um corpo socialmente aceito passaram por variações históricas até chegarmos nesta situação de que somos herdeiros. Deste modo, destaca-se nas análises uma percepção hegemônica de corpo pautada acima de tudo por um “ter saúde”, ou seja, belo, esbelto, ágil, magro e musculoso. Assim, corpos ou em última instância indivíduos que transgridem essas regras legitimadas, sobretudo pelo discurso científico, são classificados como doentes e desviantes na cultura ocidental.

Palavras-chave: Corpo Humano. História. Cultura. Saúde.

Abstract

The human body is considered a privileged object of biological sciences and the humanities; it expresses the connections between biological, social and cultural orders of Western societies over time. Thus, this study aims to propose a brief reflection about this object, of its meanings and senses from the Middle Ages to the 20th century, through literature review. We defined as guidelines for this study some research issues such as identifying at what point the body and soul are separated and give rise to a notion of body focused on promoting social function that can bring a return to the individual who owns it, as there is the notion of body as a “body-consumer,” “body-appearance” to meet current standards, based on the biomedical knowledge, especially the classic / modern biomechanical paradigm. Senses and meanings about a socially acceptable body have undergone historical changes until we get in this situation that we inherited, so this analysis highlights a hegemonic perception of body ruled above all by “being healthy”, ie, to be beautiful, slender, agile, lean and muscular. Thus, bodies or individuals that violate such rules, especially by the scientific discourse, are classified as sick and deviant in Western culture.

Key words: Human Body. History. Culture. Health

Introdução

Corpo é uma palavra polissêmica, constitui-se em objeto da história, das ciências biológicas e humanas, privilegiado pela possibilidade de se estudar as conexões entre as ordens biológicas, sociais e culturais. Para Sant’Anna (1995), o corpo é considerado um resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos. Ele pertenceria menos à natureza do que à história; nele estão registrados códigos e leis de cada cultura, soluções e interações entre os avanços científicos e tecnológicos.

A partir de uma revisão bibliográfica, buscamos construir uma breve reflexão – entendemos ser breve, por não pretendermos esgotar aqui o tema – acerca do corpo ao longo da história, dos valores e sentidos a ele atribuídos desde a Idade Média até o século XX.

O recorte de tempo foi definido por nos permitir entender como se operam na atualidade a construção social, os significados, sentidos e imagens acerca de uma noção hegemônica de corpo que deve ser compreendida em um universo de significações que se desenrolam no interior de

nossa cultura ocidental. Conforme salienta Sahlins (1997), na cultura há modos de ordenação do real que se manifestam através de valores e significados que escapam às propriedades biológicas ou físicas, sendo algo unicamente humano.

As diversas transformações de que a situação da posição ocupada pelo corpo é herdeira foi um dos eixos norteadores para a revisão bibliográfica sobre o tema. Vale destacar que a construção de imagens que realizamos do corpo não são estáticas e são influenciadas por representações e significados que se alteram no processo histórico-social (MAIA, 2009).

Neste sentido, buscou-se privilegiar também algumas questões para a investigação, como identificar em que momento corpo e alma se separam, dando lugar a uma noção de corpo centrada na função de promoção social que pode trazer um retorno ao indivíduo que o tem; como surge historicamente a noção do corpo enquanto um “corpo-consumidor”, corpo-aparência, no qual este deve expressar, acima de tudo, saúde, para atender às normas vigentes da sociedade contemporânea pautadas pelo saber da biomedicina, principalmente pelo paradigma clássico/moderno e biomecânico.

Para a revisão bibliográfica, foram consultados livros e periódicos sobre o tema. Com isso pretendemos contribuir para um

debate acerca deste objeto que é cada vez mais alvo de intervenções centradas em discursos científicos que expõem sujeitos a técnicas e intervenções biomédicas em nome do “ter saúde”.

Em consequência, vê-se estabelecer um cerco aos chamados corpos doentes que se sobressaem a este supostamente ideal, como ocorre, por exemplo, com o corpo gordo, ou em última instância, com o *ser gordo* (SUDO; LUZ, 2007).

*A estudante pré-vestibular Raissa Maria Ribeiro Dias, 19, preferia morrer a engordar! “Por mim, tudo bem se morresse, desde que parecesse a Barbie no caixão”.*¹

Sentidos e significados do corpo

Se no início o corpo era uma imagem divina, templo a ser reverenciado, ao agredir o corpo o indivíduo estava na verdade agredindo a Deus em sua obra maior. Com a revolução iluminista, tornou-se vigente a postura científica e metódica que pressupõe a desmontagem do corpo em partes, para a compreensão do todo (COLI, 2003).

Na Idade Média, corpo e alma não eram dissociados, pois não tinham sentido se pensados de maneira individual. Este existia dentro de um corpo social, expansivo e aberto “aos sentidos próprios e alheios” (RODRIGUES, 2001). Nesse período, a

¹ “Jovem queria ser a Barbie, mesmo no caixão”. *Folhaonline*. 19/11/2006. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u128392.shtml>

representação do corpo não se detinha propriamente na realidade deste, mas na sua acomodação dentro de proporções figurativas e simbólicas.

O corpo era portador da alegoria do Divino e caminho para seu conhecimento servia para conduzir o homem da ordem terrena para a ordem celeste. Era impregnado pela visão teocêntrica; os gestos e movimentos dos corpos expressavam as afecções da alma. Havia uma concepção hierárquica do Universo, que deixou de ocupar um lugar central com o advento da ciência (BRANDÃO, 2003).

Na Europa do século XVI, a relação do indivíduo com o corpo foi caracterizada por um certo puritanismo e vergonha em relação a sua aparência e sexualidade. O corpo era mais roliço, de ancas largas e seios grandes, opondo-se ao ideal feminino da época medieval, caracterizado por um corpo estreito de ancas e de seios pequenos (GRIECO, 1991).

É também no século XVI que se constitui a racionalidade científica moderna, contemporânea do Renascimento, época descrita por Luz (1988) como um período de modificação de costumes e de ideias, e de momentos inaugurais, seja na criação filosófica, científica ou tecnológica, que se irradiam para todo o Velho Mundo. Há uma ruptura entre “ordem humana” e “ordem natural”. Separam-se Deus, homem e natureza. Ao homem cabe o direito a se apropriar do espólio do “reino natural”, legado da Idade Média. Com o antropocentrismo, o homem é encarado

como o “proprietário da natureza”, caracterizando-se em um antropocentrismo prático e colonizador (*ibid.*).

Corpo, tempo, espaço e natureza são dessacralizados, convertidos em coisa humana. Passa-se a ter uma nova visão do homem sobre si mesmo e sobre a natureza que o cerca. Os velhos hábitos do pensamento medieval são destituídos de sentidos, dando lugar a novas interpretações do corpo, com o avanço de dados empíricos obtidos pela ciência, como a anatomia e as teorias científicas. É nesse contexto que ocorre uma mudança da concepção de corpo na medicina (BRANDÃO, 2003). Este é transformado em um artefato, uma máquina cuja compreensão e funcionamento passam a ser explicados também pelos processos mecânicos, físicos e químicos, totalmente objetivos, não mais dependendo do movimento do Cosmos, e destituído de uma identidade própria. Com a prática da anatomia e das teorias científicas, o corpo dissecado torna-se objeto de intensas experiências. Ele deixa de ser habitado por uma alma divina, para ser substituído pela natureza, objeto da medicina moderna no Renascimento (*ibid.*).

Em relação à constituição física, durante os séculos XVI e XVII, a gordura, enquanto alimento e constituinte do corpo, era percebida como algo saudável, símbolo de fartura, uma característica atribuída aos ricos, enquanto a magreza, ao contrário, era um sinal de falta de saúde, de pouca beleza e principalmente sinal de pobreza (GRIECO, 1991).

No século XVIII, a visão de máquina e o entendimento de seus mecanismos internos conquistam uma complexidade até então desconhecidas. O corpo deve ser educado fisicamente, já que não é mais considerado dependente dos deuses ou das forças externas. Com a ascensão da burguesia europeia, há uma alteração das concepções de saúde e aparência física, segundo as quais fibras musculares moles e frágeis passaram a ser interpretadas como falta de rigidez do caráter. “Agora, a educação dos futuros cidadãos deve passar, automaticamente, pela educação de seus corpos, em particular, a dirigida aos movimentos musculares” (SANT’ ANNA, 2001, p. 107).

Como nos conta a autora, para se moldar o corpo, atribuindo-lhe a postura reta que passa a ser tão desejada no final do século XVIII, novas pedagogias escolares foram utilizadas. Espartilhos e instrumentos ortopédicos que faziam uma pressão no corpo, e que durante o século XVII foram valorizados, são encarados como obstáculos aos movimentos sadios dos corpos, não há mais um corpo passivo. A ginástica agora é capaz de educar suas posturas e seus gestos, educando o corpo e a alma. É também naquela época que ocorre uma mudança do padrão de estética física, paralelamente a uma mudança nos hábitos alimentares.

Na transição do século XVIII para o XIX, surge uma nova configuração do humano. O olhar do homem sobre o homem não é mais sobre si, mas sobre um objeto de si. O seu corpo se evidencia, é

apenas um corpo destituído de alma, disposto para a ciência ou para a arte. É ainda na passagem destes dois séculos que a antropometria tem sua origem, como nos lembram Urla e Swedlund (2000). Esta se legitima enquanto uma técnica da ciência que se ocupa com as medidas dos corpos, pretendendo medir, comparar e interpretar a variabilidade em diferentes partes do corpo humano, como a craniometria e a anatomia comparada. A antropometria considerava o corpo como um espelho de características morais, raciais e sexuais.

O que se pretendia, através de métodos que elaborassem a medida de um corpo tomado como padrão, a partir de dados coletados com as técnicas elaboradas por áreas como a antropologia física, anatomistas e médicos, era estabelecer medidas para todo o corpo que possibilitariam uma comparação sistemática entre as diferentes raças, nacionalidades e sexos. À antropometria era creditado o poder de determinar cientificamente as diferenças entre o normal e o desviante.

Nota-se que, de todas as tentativas de padronização do corpo médio, nenhuma foi tão bem-sucedida como as tabelas de peso e estatura, desenvolvidas nos Estados Unidos, para os exames médicos de seguro-saúde. Empresas como a *Metropolitan Life*, baseadas em dados coletados com pessoas de faculdades, do exército e das prisões, estabeleceram medidas consideradas padrão para a relação entre a estatura de um indivíduo e o peso “ideal” que ele deveria ter (URLA; SWEDLUND, 2000).

Em 1835, Quetelet desenvolve uma tabela científica denominada Índice de Massa Corporal (IMC)² ou Índice de Quetelet, sendo apontado como um dos pioneiros da formulação das tabelas de referência. O conceito de “homem médio” instaura-se como avaliação científica da população (BRAY, 1997). E até hoje, o IMC é utilizado para estabelecer cientificamente se um indivíduo está com excesso de peso ou não – ou seja, se está dentro dos padrões adotados pelas biociências como saudável. Com isso, o IMC passa a ser um indicador antropométrico comumente usado em pesquisas científicas na área da saúde, por ser considerado um indicador de adiposidade corporal que permite associar a possível presença de riscos de doenças em um indivíduo, como as chamadas complicações metabólicas, (VASQUES et al., 2010).

Portanto, o que começou como um guia de medidas estatísticas, logo se transformou em uma tabela para determinar o peso ideal de cada sujeito. O corpo “normal”, salientam Urla e Swedlund (2000), foi definido pela antropometria como um tipo ideal de corpo com um caráter de opressão, trazendo um “poder normalizador”, determinando e enquadrando como as pessoas devem perceber os seus corpos. E, assim, ainda hoje os bebês são medidos, pesados e comparados com um padrão desde que nascem.

No século XIX, com as revoluções industriais, os corpos foram submetidos a um ritmo uniforme; aprendemos a controlar o ritmo do corpo: sono, fome, carências afetivas e sexuais estão submetidas às conveniências do tempo social. Não há mais lugar para a contemplação, sendo necessário otimizar os momentos vazios, transformá-los em trabalho ou em consumos de lazer. Baniu-se da vida o vazio tão essencial para as experiências criativas ou para se conhecer o prazer de estar só (COLI, 2003).

Se, no século XVIII, a degenerescência era vinculada aos climas, às estações do ano, aos códigos de honra no século XIX, ela é associada às experiências consideradas ociosas, com o vício e a fraqueza das vontades, estando ligada a receios econômicos e políticos, relacionados à necessidade de disciplina dos trabalhadores e do lucro industrial, integrando uma cruzada higienista, segundo a qual a degenerescência racial deveria ser extirpada.

Sant’Anna (2001) nos permite conhecer que, no século XVIII, a educação física enquanto saber disciplinador já funcionava como um meio capaz de promover a educação moral e a ordem social, porém foi só a partir do século XIX que esta se constituiu enquanto um poder legitimador de intervenção sobre os corpos. A gi-

² Para o cálculo do Índice de Massa Corporal – IMC, divide-se o peso em quilogramas pela estatura em metros quadrados. O IMC é um indicador utilizado sobretudo quando o objetivo é avaliar o estado nutricional do indivíduo.

nástica,³ durante este período, se afirma como modelo técnico do corpo, por ensinar-lhe as técnicas de rigidez de posturas. De acordo com a autora, a ginástica, ao ser incorporada pelo saber científico e pragmático do século XIX, transformou-se em um meio de se combater a degenerescência, já que proporcionava uma economia energética, tornando-se uma forma de educação e adequação dos movimentos dos indivíduos.

As morfologias julgadas fracas, indisciplinadas e desviantes deviam ser corrigidas, através dos exercícios, tema central para higienistas e eugenistas. “A eugenia aparece como instância legitimadora de práticas sociais, empenhando-se em classificar como normais ou desviantes, relativamente à beleza, certas categorias sociais” (DEPPE, 2001, p. 19).

Soares (2001) nos mostra que, a partir da divulgação da obra “Nouveau Manuel d’éducation Physique, Gymnastique et morale”, de Amoros, em 1838, uma paixão pela cultura do corpo é criada e se consolida enquanto um critério de aprendizagem coletiva de exercício, onde a imagem se impõe como parte das explicações e dos discursos sobre o movimento humano, que passa a ser também objeto do conhecimento científico.

Apesar de seus métodos ainda estarem fortemente relacionados a vínculos militares, “estará cada vez mais próxima de cientistas, médicos higienistas e laboratórios de pesquisa. Seu caráter higiênico larga-se e imprime-se, então, uma outra estética, a estética da retidão” (SOARES, 2001, p. 58).

O modo correto de executar o movimento humano – na vida cotidiana ou em situações como nas ginásticas, jogos etc., explicado pela ciência experimental, é agregado à constituição de formas de poder que incidem sobre o corpo e seus gestos, que deveriam ser contidos, estando em jogo os sentidos de quem o executa e de quem observa a gestualidade. Entram em cena maneiras científicas e técnicas dirigidas à educação dos corpos; estes devem ser civilizados, úteis e higiênicos (*ibid.*). É nesta época que surgem a associação entre doença, boa educação, boa higiene e educação física que duram até os dias atuais.

“A musculação pode ser tida como uma das melhores opções em todos os aspectos, desde prevenção de patologias, ganho de massa muscular, tratamento de enfermidades, e, claro, redução da gordura corporal, explica Paulo Gentil”.⁴

³ Esta teve sua origem no universo circense. No século XIII, por exemplo, o acrobata tinha no seu corpo e gestos o espetáculo, e via sua profissão ser classificada como ilícita, de característica inútil em que a utilidade da força física não indicava o uso das ações requeridas pelo poder científico da época (SOARES, 2001).

⁴ “Ganhar massa muscular não é só aumentar volume dos músculos”. *Uol Ciência e Saúde*, em 29/9/2010, Acesso em 02/10/2010. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciaesaude/ultimas-noticias/2010/09/29/ganhar-massa-muscular-nao-e-so-aumentar-volume-dos-musculos.jhtm>

Se na Idade Média cristã, o manto da castidade devia cobrir as vergonhas, na corte dos séculos XVII e XVIII, os artifícios como perucas, jóias etc. eram sinais de aristocracia e riqueza, devendo ser expostos. O século XIX trouxe uma nova veste burguesa, com a “estetização artificial” que deveria recair no corpo dos indivíduos (TUCHERMAN, 1999).

A utopia do corpo, em que a perfeição se perfila no horizonte como meta, ocorre entre os séculos XIX e XX. A ciência é o instrumento por excelência para atingi-la. A busca pela perfeição corpórea, não como projeto de harmonia mas como plenitude do ser, incide sobre a crítica da própria ideia de perfeição. Ela contém em si um caráter exclusivo, tirânico e em evidência que bastaria a si própria. Seria o projeto de utopia nazista, no qual iria imperar a eliminação do imperfeito pelo perfeito (COLI, 2003).

No começo do século XX, o estatuto do corpo continuava a depender do meio social. Os trabalhadores valorizavam a força física, o vigor e a resistência. A burguesia mantinha uma atitude mais estética, portanto, a aparência física tinha uma representação social importante, porém não se mostrava o corpo. No entreguerra (1918-1938), o início da exposição do corpo representa para a burguesia uma época de liberação do corpo onde é travada uma outra relação entre o físico e o vestuário. Não há mais lugar para roupas que escondam os corpos. A mudança é ainda mais enfatizada em relação ao vestuário femi-

no. Saem as cintas e corpetes, entram em cena calcinhas e sutiãs. As roupas encurtam-se, as pernas são valorizadas pelas meias e o uso de tecidos mais macios possibilitava entrever, de maneira discreta, as linhas do corpo (VINCENT, 1987).

A entrada da fotografia será determinante para a consolidação da estética do corpo, que até então estava restrita à pintura e à escultura. Vemos surgir e tomar força, em relação ao corpo masculino, o *body building*. Este termo é usado para designar a construção da massa muscular desligada da ideia de força e de saúde, através do uso de pesos e exercícios com máquinas. A ideia é de uma construção da “perfectibilidade” ligada à noção de uma construção do corpo – o *body building* (GÓES, 1999).

Na década de 40, a perfeição corporal se alastrou com a instituição do concurso “*Mister America*” e a partir daí se espalhou para o mundo. Nos finais da década de 60, surgiu o concurso *Mr. Olympia*, com repercussões nos heróis de cinema, filmes épicos de gladiadores foram os maiores exemplos. Vê-se tomar forma o herói – ausente na vida real, passa a existir no plano virtual (*ibid.*).

Para Góes, somente uma cultura permeada pela disciplina e o prazer ao mesmo tempo, sendo pautada pelo individualismo, narcisismo, pela sociedade de consumo, por uma busca de prazer ilimitado e visando a uma promoção social e sucesso a todo custo, substituindo valores morais tradicionais de outrora, fez surgir

como uma de suas expressões mais contundentes, o *body building*.

Para o autor, essa hipervalorização da construção corporal, seja pela musculação, por intervenções de cirurgias estéticas, pela cosmetologia, dietas e práticas de exercícios, faz surgir a ideia de que o corpo agora é factível de intervenções sem limites. A busca tão presente nas sociedades ocidentais por uma imagem exterior ideal fez surgir a noção de que o corpo agora é “maleável”, que pode expressar uma ideia de perfeição, negando “a particularidade do corpo de cada um”.

As brasileiras cada vez mais pagam para ter seios e nádegas maiores, além de cinturas e quadris esculpidos pela lipo, na busca do que consideram o corpo (curvilíneo) perfeito.⁵

No período após a Segunda Guerra Mundial, livre das influências de médicos, moralistas e de reformadores públicos, a beleza alcança um *status* de autonomia. Nessa época, a cultura americana começa a exercer influência crescente entre os brasileiros, em parte mediada pelos filmes norte-americanos e das revistas, com suas estrelas e suas receitas de beleza.

Com os novos profissionais de beleza, houve uma ênfase no discurso de uma aquisição da beleza, agora, ao alcance de todos. É o que Edmonds (2003) considera

como uma mudança na base ética da beleza, agora qualquer um pode ser belo, é a ligação cada vez maior entre autoestima e aparência. É nesse contexto que a cirurgia plástica alcança cada vez mais aceitação, a identidade estaria expressa no corpo físico.

Segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, Sebastião Nelson Edy Guerra, as técnicas de próteses de glúteo estão consolidadas e permitem a obtenção de nádegas muito bonitas, embora o pós-operatório não seja um dos mais simples.⁵

Agora, a aparência física passa a depender integralmente do corpo, sendo necessário um cuidado específico em relação a ela. A dietética começa a despontar como um elemento-chave para se obter ou manter a forma desejada. Muitos alimentos foram abolidos dos cardápios por estarem associados não mais ao prazer ou à *boa mesa*, mais aos males de saúde e da forma física.

Ao açúcar ficam atribuídas a obesidade, a diabetes, a hipertensão, doenças cardiovasculares, cáries. Em contraposição, as carnes grelhadas, saladas, legumes, frutas frescas e laticínios eram vivamente recomendados. Os produtos dietéticos representam o principal aliado nesse esforço para a manutenção de uma forma física esguia e sem barriga. Era necessário estar atendo aos sinais do corpo. Para o homem, ter barriga

⁵ “Pela cirurgia plástica brasileiras buscam seios e nádegas maiores”. Jornal *O Globo*, 15/08/2010. Disponível em <http://oglobo.globo.com/vivermelhor/mulher/mat/2010/08/15/pela-cirurgia-plastica-brasileiras-buscam-seios-na-degas-maiores-917398162.asp>

há muito já não era mais encarado como um sinal de respeitabilidade, e sim uma mostra visível de desleixo, uma ameaça: ser obeso era um pavor (VINCENT, 1987).

Com base nessa visão, é o fator comercial, mais do que o higienista, o responsável pela divulgação de novos hábitos do corpo. Na metade da década de 60, os hábitos como “asseio, dietética e a cultura física” generalizam-se. Deve-se manter a beleza e a juventude a qualquer preço. Sendo assim, a indústria de cosméticos ocupa também um lugar de destaque, principalmente por ter a seu lado o aparente rigor científico ao “feitiço” da propaganda. A velhice deixa de ser uma virtude, dentro de um contexto onde a norma social dita a aparência esperada: a jovem – numa comunhão entre personalidade e corpo e ser, o que é se confunde com o permanecer (PROST, 1987).

Especialmente entre as mulheres, a magreza torna-se um ideal que passa a ser representado e glorificado como um sinal externo de sucesso. As mulheres, em todo o mundo ocidental, passam a ter obsessão por uma imagem corporal esbelta.

O corpo é estereotipado associado a uma imagem de beleza; um valor inerente ao feminino; magra, branca e de classe média. Em contrapartida, corpos gordos, de cor e pretos se transformam em estereótipos negativos a serem evitados (HIGONNET, 1991).

Outro fator que deve ser apontado para a construção do chamado corpo ideal é a

presença da moda representando, em relação às mulheres, papel definitivo na formulação de uma imagem ideal de corpo, que foram divulgadas amplamente pela mídia, desde o início desse período (PE-REGRINO, 1991).

A preocupação em se trabalhar o corpo associada a uma inquietação crescente com a saúde, o bem-estar e a beleza física, atinge zonas até então inimagináveis: as do supostamente reprimido. A partir dos anos 60, o corpo se torna uma espécie de melhor parte do indivíduo, a marca principal de sua subjetividade (SANT'ANNA, 2001).

Devem-se vencer as tentações em nome de possuir um corpo saudável, conforme demonstraram Sudo e Luz (2007). E, para isso, são evocados o discurso da ciência e o saber da biomedicina, e sua legitimação, para impor ao indivíduo um corpo tido como saudável e natural e, para aqueles que escapam a tal ordem, resta uma escolha permeada pela culpa.

Entramos no século XXI, com as reminiscências do século passado, em que o corpo esbelto é entendido e veiculado como o padrão de corpo ideal, por expressar saúde – é o “século da saúde”.

Presenciamos, na cultura ocidental, uma noção hegemônica que ainda circunda o objeto corpo pautada pela existência do paradigma clássico/moderno, biomecânico que confere valor à ciência e à biomedicina com suas “concepções hegemônicas dos saberes fragmentários e espe-

cializados das disciplinas que operam com a cisão natureza/cultura, objeto e sujeito, mente e corpo. Orienta a racionalidade médica calcada na contraposição de normalidade e patologia...” (CARVALHO; LUZ, 2009, p. 317).

Considerações finais

Como salientou Luz (2003), vivemos na cultura ocidental uma construção do real pautada por leis de uma economia capitalista globalizada com uma valorização crescente do individualismo, consumismo e a busca desenfreada pelo imediato.

Com isso, reflexos são percebidos nos valores atribuídos ao corpo; este deve ser ágil, belo, jovem, magro, com o músculo em evidência. O corpo é agora pautado no individualismo, “contido pela muscu-

latura”, é um “corpo mercadoria”, um “corpo-aparência”, um “corpo-ferramenta”, um “corpo-consumidor”, um corpo com função de promoção social que pode trazer um retorno, um corpo que acima de tudo deve expressar o “ter saúde” (RODRIGUES, 2001).

Portanto, a ideia de oposição entre norma e desvio, aqui expressa entre normalidade e patologia legitimadas pelas técnicas e por descobertas das biociências, ainda pauta os sentidos atribuídos ao corpo, seus valores e significados. Seria preciso ter um corpo construído socialmente; um corpo esbelto, magro, com curvas, com músculos em evidência, seria uma luta simbólica contra um estigma imposto aqueles que não se enquadram nas leis vigentes na sociedade contemporânea.

Referências

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. O Corpo do renascimento. In: NOVAES, Adauto (org.). *O Homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das letras, 2003. 392 p. 275-297.

BRAY, George A. Historical framework for the development of ideas about obesity. In: BRAY, George A.; BOUCHARD, Claude (orgs.). *Handbook of obesity*. New York: Marcel Dekker, 1997. 700 p. 1-29.

CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares; LUZ, Madel Therezinha. Práticas de saúde, sentidos e significados construídos: instrumentos teóricos para sua interpretação. *Rev. Interface.*, v. 13, n. 29, p. 313-326. Abr/jun, 2009.

COLI, Jorge. O sonho de Frankenstein. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Homem-máquina: a*

ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das letras, 2003. 396 p. 299-315.

DEPPE, Lara Cristina Lourenço. *A (e)ciência da beleza: análise da presença do discurso científico na revista Nova*. 115 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre a cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. 416 p. 189-261.

GÓES, Fred. Do body building ao body modification - paraíso ou perdição? In: VILLAÇA,

- Nisia; GÓES, Fred.; KASOVSKI, Ester. (Org.). *Que corpo é esse?* Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 33-41.
- GRIECO, S. F. M. O Corpo, aparência e sexualidade. In: DUBY, Georges; FARGE, Arlette; DAVIS Natalie Zemon (Org.). *História das mulheres*, v.3: do renascimento à Idade Moderna. São Paulo: Afrontamento, 1991. 610 p. 71-120.
- HIGONNET, Anne. Mulheres, imagens e representações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle; THEBAUD, Françoise (Org.). *História das mulheres*, v.5: o século XX. São Paulo: Afrontamento, 1991. 700 p. 403-434.
- LUZ, Madel Therezinha. *Natural Racional Social*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. 152 p.
- _____. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais*. São Paulo: Hucitec, 2003. 174 p.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. *A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física*. 2009. 10 p. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0515.pdf> Acesso em: 29 set.2010.
- PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991. 109 p.
- PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: DUBY, Georges; ARIES, Philippe (Org.). *História da vida privada*, v. 5: da 1ª guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das letras, 1987. 656 p. 13-154.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. 197 p.
- SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Rev. Mana*, v. 3, n. 1. p. 41 – 73. 1997.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Educação física e história. In: CARVALHO, Yara Maria de. de; RUBIO, Katia. (Org.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. 170 p. 105-114
- _____. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. 192 p. 121-140.
- SOARES, Carmem Lúcia. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia. (Org.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. 170 p. 53-74.
- SUDO, Nara; LUZ, Madel Therezinha. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. *Rev. C. S. Col.*, v. 12, n. 4, p. 1033-1040. jul/ago, 2007.
- URLA, Jacqueline; SWEDLUND, Alan. C. The anthropometry of barbie: unsettling ideals of the feminine body in popular culture. In: SCHIEBINGER, Londa (Org.). *Feminism & the body*. New York: Oxford University Press, 2000. p. 397-428.
- TUCHERMAN, Ieda. de. A construção dos monstros e as raças fabulosas. In: VILAÇA, Nisia; GÓES, Fred.; KASOVSKI, E. (Org.). *Que corpo é esse?* Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 146-158.
- VASQUES, Ana Carolina Junqueira; PRIORE, Sílvia Eloiza; ROSADO, Frandsen Paez de Lima; FRANCESCHINI, Sylvia do Carmo Castro. Utilização de medidas antropométricas para a avaliação do acúmulo de gordura visceral. *Rev. Nutr.*, v. 23, n. 1, p. 107-118. jan-fev, 2010.
- VAZ, Paulo. Corpo e risco. In: VILAÇA, N.; GÓES, Fred.; KASOVSKI, Ester. (Org.). *Que corpo é esse?* Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 159-175.
- VINCENT, Gérard. Uma história do segredo? In: DUBY, Georges; ARIES, Philippe (orgs.). *História da vida privada*, v. 5: da 1ª guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 656 p. 155-390.

Recebido em: 04/10/2010

Aprovado em: 13/11/2010